

## **TITE DE LEMOS E HÉLIO PELEGRINO: REGRAS E EXCEÇÕES. PECULIARIDADES INERENTES À ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS**

Cléa M. de Oliveira  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
(PUC-Rio)

### Breve Histórico:

Rui Barbosa ocupou o casarão da Rua São Clemente, em Botafogo, durante o período mais produtivo de sua vida, de 1895 a 1923. Foi neste casarão que morreu. Logo depois de seu falecimento, por decreto de Artur Bernardes, a casa foi adquirida, juntamente com a biblioteca, arquivo, manuscritos e propriedade intelectual da obra. Mas, antes disso, alguns objetos tinham ido a leilão, todavia, muitos deles retornaram: foram doados por aqueles que os haviam arrebatados e outros foram cedidos pela viúva e familiares.

Em 1930, Washington Luís inaugura um centro cultural ligado ao então Ministério da Cultura.

Em 1968, inaugura-se o Setor Ruiano, sendo-lhe atribuída a função de zelar por todos os documentos referentes à vida de Rui Barbosa e também a de aprofundar os estudos relativos ao estadista.

Em 1972, com missão semelhante, no entanto, mais ampla, é aberto na Casa de Rui Barbosa, o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

É importante ressaltar o papel preponderante que Carlos Drummond de Andrade desempenhou no processo de criação do AMLB.

Em crônica publicada no *Jornal do Brasil* de 11 de julho de 1972, Drummond escreve:

Velha fantasia deste colunista – e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irreabilidade – é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... de literatura não temos [...]. Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo?

Meses depois, quando o Arquivo-Museu de Literatura abre, timidamente, suas portas ao público, Carlos Drummond publica em crônica no mesmo jornal carioca:

Poucas pessoas souberam (ou perceberam) que alguma coisa de novo aconteceu numa mansão da Rua São Clemente, ao findar o ano, em honra e benefício das letras. Sem alarde, inaugurou-se na casa de Rui Barbosa o arquivo-museu de literatura, possível semente de outros.

Na mesma crônica faz um pedido, uma convocação:

Colecionador ou não, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno de nome de escritor, e pode com ele enulentar [*sic*] o arquivo-museu menino [...]: faça um *beau geste*, mande para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa.

E foi assim, como que atendendo ao pedido do poeta que as peças, propriamente ditas, para a formação do museu e os documentos que compõem o arquivo foram chegando. Todos imbuídos no objetivo maior de guarda, proteção e divulgação das obras dos escritores brasileiros.

Entre os objetos da coleção do arquivo-museu, há o poema inédito de Machado de Assis, “Os Pássaros”; os originais do romance *Til*, de José de Alencar; e ainda os originais de *Menino de Engenho* e *Moleque Ricardo*, ambos de José Lins do Rego; os quadros de Clarice Lispector, sua máquina de escrever; entre outras preciosidades.

## A Formação do Acervo do AMLB

Através de doações, basicamente, uma vez que no Brasil não se tem a tradição de compra de arquivos pessoais, este setor da Fundação Casa de Rui Barbosa vai formando seu acervo. Desde que foi inaugurado, já recebeu e organizou os espólios de Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Pedro Nava, Lúcio Cardoso, Manuel Bandeira entre outros, inclusive daquele que foi de fundamental importância para a existência deste lugar tão precioso: Carlos Drummond de Andrade. Hoje, possui cerca de 72 arquivos: oito inventários publicados tendo o nono, o de Cornélio Pena, no prelo.

Como é um arquivo, a organização dos documentos segue regras básicas para a adequação e uniformização. Os documentos são recebidos, registra-se formalmente a doação – muitas vezes feitas pelos familiares –, são raros aqueles que chegam com alguma ordenação. Um dos poucos assim recebido foi o do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Como nos demais arquivos pessoais, este também não foge à regra: trata-se de documentos acumulados durante a trajetória profissional e da vida do poeta [...].

É raro um arquivo pessoal chegar às nossas mãos com algum arranjo prévio, determinado pelo próprio titular. Entretanto, não foi o que aconteceu.

[...]

Preocupado com a informação, Drummond tinha plena consciência do que estava guardando, tanto assim que seu arquivo tinha uma ordem bem determinada. Já veio arrumado em séries, em um arranjo muito similar ao que usamos. (VASCONCELOS, 1988.)

Para que o acervo seja disponibilizado à pesquisa, é preciso seguir alguns passos: higienização de todo o material, separação e classificação segundo o tipo e/ou função do documento, seguida de posterior acomodação em séries, que é a etapa posterior e que vai levar em conta alguns critérios de arquivísticas.

Para cada etapa, há uma revisão, ou seja, as planilhas estão sempre sendo revisadas por outra pessoa a fim de desfazer dúvidas ou possíveis enganos.

Faz-se necessário ressaltar a importância histórica de cada um desses arquivos: em muitos documentos, independente da série em que se encontram, por um fato descrito em uma carta, por exemplo, somos capazes de saber um pouco da História do Brasil, do mundo na época da redação, transformar o titular em personagem daquele momento, podendo visualizar e analisar os fatos ocorridos e dar-lhes a nossa própria interpretação.

Para facilitar o acesso à pesquisa, é necessário que os espólios sigam algumas regras básicas, uma delas é a divisão em séries internas:

- Cp (Correspondência Pessoal): compõe-se de cartas, cartões-postais, telegramas, bilhetes, etc trocados entre o titular e uma outra pessoa, física ou jurídica; tanto pode ser o titular signatário quanto destinatário;
- Cf (Correspondência Familiar): compõe-se de cartas, cartões-postais, telegramas, bilhetes, etc trocados entre o titular e pessoas do seu núcleo familiar; aqui também tanto pode ser o titular signatário ou destinatário;
- Ct (Correspondência de Terceiros): compõe-se de cartas, cartões-postais, telegramas, bilhetes, etc trocados entre outras pessoas; nesta série, o titular não é nem signatário e nem destinatário, apenas portador (não importa saber o porquê deste documento estar sob sua guarda);
- Pi (Produção Intelectual): compõe-se de textos de autoria do titular do acervo;
- Pit (Produção Intelectual de Terceiros): compõe-se de textos de não-autoria do titular do acervo;

- Dp (Documentos Pessoais): compõe-se de documentos relativos ao titular: carteira de identidade, de motorista, título de eleitor, etc.
- Dv (Diversos): compõe-se de documentos cuja função é complementar na vida do titular: convites de casamento, diplomas, *folders* de eventos, etc.
- Dc (Documentos Complementares): compõe-se de documentos posterior à morte do titular: telegramas à viúva; títulos honorários póstumos, etc.
- Recorte de jornais, quando houver, do e/ou sobre o titular.

A importância desta minuciosa descrição das séries poderá ser percebida quando da organização dos espólios de Tite de Lemos e Hélio Pelegrino, portadores de novidades e surpresas para o trabalho dos arquivistas do AMLB.

Conhecer um pouco da vida, da época do titular do acervo, sua trajetória profissional, pessoas de seu convívio familiar, de seu círculo de amizade com quem manteve correspondência faz com que o trabalho flua mais facilmente, embora daí também possa nascer um envolvimento maior, o que não pode ser considerado ruim.

### O Acervo de Tite de Lemos

É um dos mais recentes acervos da coleção do Arquivo-Museu de Literatura<sup>1</sup>.

Doador por seus filhos, está em processo de organização desde o início deste ano, encontra-se, apesar do tempo, no que é considerado a primeira etapa da classificação: análise dos textos, separação em séries e em subséries.

---

<sup>1</sup> A organização do arquivo de Tite de Lemos está sendo financiada por sua família.

Tite de Lemos atuou com jornalista durante alguns anos de sua vida e é surpreendente a sua versatilidade como poeta: compõe de sonetos milimetricamente perfeitos a poemas visuais e colagens, em que podemos notar sua fase ou face “desestruturalista” e plástica. Na prosa, ousa tanto quanto nos poemas e peça teatrais. Tem no mercado um livro de prosa – *Corcovado Park* (1985) –, dois livros de sonetos – *Cadernos de Sonetos* (1988) e *Outros Sonetos do Caderno* (1989) – e um outro livro, o primeiro a ser publicado, de 1979, que digamos seja de poema livres – *Marcas do Zorro*.

A sua obra é marcada mais pelas suas paixões do que, como em outros acervos, sua profissão. De jornalista quase não podemos perceber muita coisa. Já os cavalos, animais que parece ter tido atração especial, é presença constante: desenhos de cavalo e de roupas de jóqueis, listas de nomes de cavalos, o livro *Corcovado Park*. Também as mulheres: “Caderno da Musas” e “Bela Donna” são bons exemplos de paixão. Há um soneto composto apenas com nomes de mulheres.

Lisa De Leeuw, Rhonda Jo Petty, Pia  
Snow, Andrea, Sahara, Anna Ventura,  
Fiona, Olga, Doris, Ginger Lynn, Day, Dia,  
Kari Foxx, Mata-Hari, Christy, Jura,

Lizzie, Lynn, Amber Lynn, Annamaria,  
Kris, Tara, Nera, Ira, Cora, Sura,  
Tija Rey, Alba, Flora, Cara, Mia,  
Maria del Pilar, Sol de Miura,

Susanne, Suzana, Sonja, Sonya, Abril,  
Imara Mello d’Albuquerque e Lara,  
Lois Ayres, Tina, Mona, Mara, Nella,

Viola, Rapunzel, Daniela, Jill,  
Claro de Lua, Acácia, Luna Clara,  
Dina, Arabela, Bella, Donna. Bela!

(LEMOS *Cadernos de Sonetos*, 1988, p. 43.)

Há sonetos em francês e em inglês, sendo que grande parte de sua obra está inédita.

Além de arquivistas de formação, no Arquivo-Museu de Literatura também trabalham profissionais da área de Letras, a obra de Tite tem intrigado a todos. Por exemplo como classificar “Underground Song (Canção do Metrô)”? Será que *Corcovado Park* pode ser considerado como prosa? Quais as definições de prosa poética e poema visual? Podemos conceituar a obra de Tite como tal? Ele traz outra inovação no que diz respeito à arte escrita ou plástica, propriamente dita, as figuras que cria com sua máquina de escrever em “Novas Rimas” (inédito) são palavras, desenhos, ou poemas? Como classificar o “Livro Vazio” (inédito): esta obra é composta de dez páginas vazias.

Tite de Lemos está sendo um grande desafio para aqueles que estão envolvidos com seu documentos. Mais do que desfazer tramas e enigmas, o seu espólio vem trazer uma nova forma de escrita, de criação, revelando a força poética deste tão pouco conhecido autor.

Outro ponto que é importante frisar é o percurso seguido por ele, o percurso de poeta: primeiro experimenta, melhor dizendo, ousa com os poema visuais, desenhos e versos livres ou feitos com a antiga máquina de escrever (*Marcas de Zorro* e “As Núpcias Químicas de Cristian Rosenkreuz”, ainda inédito), depois vai para os sonetos. Há várias cópias dos mesmos sonetos formando diferentes conjuntos, talvez manifestasse com isso o desejo de publicar outros livros mesclando sonetos e desenhos e, conseqüentemente, testava várias possibilidades da formação de parte da obra que ficou por editar.

### O Acervo de Hélio Pelegrino

Se Tite de Lemos causa estranhamento pela apresentação de cada documento, individualmente, Hélio Pelegrino causa sensação semelhante pelo conjunto da obra.

Podemos dizer que Hélio intriga pelo modo de organização ligada à ciência arquivística; Tite pela produção em si, pela inovação literária – o escritor mineiro não faz este caminho – e,

consequentemente, traz alguns impasses no momento em que a técnica arquivística deverá prevalecer.

O arquivo de Hélio Pelegrino está em processo de organização há mais ou menos seis anos<sup>2</sup>. Os dados já estão sendo informatizados e a publicação do inventário está bem próxima. Hélio obrigou ao Arquivo-Museu de Literatura fugir às regras das séries – fato inédito em oito, quase nove, publicações de inventários. São elas:

- Cs (Crise na Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro – SPRJ): compõe-se de todos os documentos relativos aos problemas ocorridos entre o escritor psicanalista e a SPRJ, incluindo o caso Amílcar Lobo – médico ligado à Sociedade Psicanalítica acusado de participar de sessões de torturas na época do regime militar – e as expulsões de Hélio e de Eduardo Mascarenhas desta instituição. Nesta série, os documentos ficam arquivados em subséries conforme a natureza dos mesmos: Pi, Pit, Cp, Dc, Dv.
- Pini (Produção Intelectual Não Identificada): compõe-se de documentos cuja identificação do autor com nome e sobrenome, inclusive através de pistas contidas no próprio texto, não é possível. São documentos em que não podemos afirmar que foi Hélio o autor e nem podemos dizer que não foi. Basicamente são poemas, notas, ensaios, contos e chamam atenção pela qualidade literária.

Quando não se tem a certeza da autoria, o item autor é preenchido com o termo “Não identificado”, a série Pini foi criada porque ficou difícil de desfazer este tipo de dúvidas em vários documentos de natureza diferenciada.

---

<sup>2</sup> A organização do arquivo de Hélio Pelegrino está sendo financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj.



A partir de Hélio Pelegrino, as fotocópias passaram a ser registradas, embora este tipo de documento sempre será considerado regular no item estado de conservação.

Nota-se desta forma que o espólio deste escritor mineiro exigiu que as regras fossem contornadas. Ainda que as inovações apresentadas por ambos os escritores sejam diferentes não deixaram de ser um desafio para os que se envolveram na catalogação e preparação dos inventários, tendo que ser acima de tudo flexíveis.

### **Bibliografia:**

ANDRADE, Carlos Drummond. Museu: Fantasia?. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1972.

\_\_\_\_\_. Em São Clemente, 134. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 jan. 1973.

MIRANDA, Wander Melo (org.). *A Trama do Arquivo*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

Seminários sobre Museus-Casas. *Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas: Pesquisa e documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

VASCONCELOS, Eliane. O Arquivo de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: FCRB/AMLB. 1988.

\_\_\_\_\_. Uma Experiência com Arquivos Literários no Brasil. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional*. Lisboa, S. 3, n.º 5, out. 1999 – abr. 2000, p. 81-90.

LEMOS, Tite. *Cadernos de Sonetos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. *Marcas do Zorro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

\_\_\_\_\_. *Outros Cadernos de Sonetos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.